

FORA!

O Brasil nunca produziu bons escritores policiais. Houve algumas tentativas sem maior êxito. O que há de melhor é o que há de mais recente: os contos policiais que o paulista Luis Coelho vem publicando na "Revista da Semana", que têm engenho, "suspense" e bom estilo. Mas o mundo criminoso de Luis Coelho, onde passeia, com seu valente "jeep" e seus cabelos brancos, o velho delegado Leite, é azul e côr-de-rosa diante dessa humanidade torva e real que enche as páginas do "best-seller" nacional "O Crime do Catete".

No seu discurso de Belo Horizonte o sr. Getúlio Vargas quis atribuir a autoria dessa história a alguns sujeitos da oposição. Seria preciso que houvesse entre nós um Balzac do "bas-fond" para criar um romance tão espantosamente rico de coisas e tipos; ninguém teria imaginação para isso; lido, ninguém acreditaria. Vemos a família reinante dormir sob o mesmo teto e se misturar em estranhos negócios com uma impressionante malta onde o ladrão de cavalos ombreia com o contrabandista, o guitarrista, o falsário, o assassino profissional que mata por engano o homem que não tinha dormido com a mulher do outro, o policial achacador, o advogado administrativo, o estelionatário, o explorador de jôgo — e tudo isso misturado com o Partido Trabalhista, as greves, os candidatos, os órgãos do governo, os negócios de automóveis, as fazendas de gado, a imprensa, o Banco do Brasil. Mas isso não é governo, isso é uma quadrilha imensa onde cabem todos os patifes e pilantras de todas as camadas sociais, isso é uma gigantesca máquina de roubar, matar e mandar.

(Os jornais do interior não publicaram)

Se os executores do crime estão presos, não é que os moços da Aeronáutica ou o Carlinhos Niemeyer, lá dos Marimbás, tenham faro muito fino. E' que esses velhos bandidos se comportaram todos como criminosos primários, pois a longa impunidade os viciou, e cada dia eles ficavam mais relaxados e broncos: fizeram o que se chama propriamente um serviço parco. Aqui entra a incompetência fundamental da organização Vargas, sempre a dar mancadas e a praticar leviandades. Essa gente se sentia tão acima da lei que a nenhum desses homens nem sequer ocorria a precaução mais elementar de selar um recibo ou rasgar um papel; nenhum dos pistoleiros pensou um segundo sequer, antes do crime, em organizar a fuga ou preparar o alibi; foi tudo feito à última hora, na maior avacalhão, dentro do Palácio da Mãe Joana, com telefonemas às escondidas, num abrir de gavetas apressado para procurar endereços e apanhar dinheiro. Ah, esse dinheiro novinho, estalando, essa edição especial de 1.000 notas de 500 cruzeiros, essa inflaçozinha particular, uma gentileza da Casa da Moeda para com vocês, distribuição de cédulas em programa de auditório "vamos ver qual o bandido mais pateta".

Falta-lhe dignidade, a esse governo, mesmo no crime; seus monstros são uns monstros trapalhões que matam errado, mentem errado, fogem errado. Nem ao menos isso o sr. Getúlio Vargas organizou direito neste país! Qual! E' preciso que ele seja mesmo um grande caradura para ainda querer continuar no palco, quando os clamores de protesto diante do crime se misturam com o alarido da pateada diante dos canastrões. Fora! Fora! E devolvam ao público as notas de 500 cruzeiros que ele pagou para assistir a essa chanchada sangrenta.

22/8/54 R. B.

133